

Os interventores e seus cúmplices



Por **LUIS FELIPE MIGUEL***

O combate a Andifes e a transformação, no governo Bolsonaro, das universidades federais em espaços conflagrados, atravessados por perseguições

Interventores nomeados por Bolsonaro criaram nova associação de “reitores”, para combater a “hegemonia esquerdista” na Andifes [Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior].

Não é algo folclórico. A Andifes cumpre papel essencial no meio de campo com o Ministério da Educação, na definição da distribuição dos recursos entre as instituições federais de ensino superior.

Com o ministério nas mãos de um oportunista amoral, dedicado à destruição da educação brasileira, é fácil ver que a constituição da nova associação – autodenominada AFEBRAS – é uma jogada combinada, a fim de tumultuar o processo e ampliar a margem de manobra para retaliações contra as Universidades que permanecem sob gestão legítima.

Temos muito responsáveis por esta situação, começando pelos governos democráticos que não se preocuparam em abolir a lista tríplice, acreditando que ela ficaria para sempre como ritual desprovido de efetividade.

Somos responsáveis também todos nós, nas Universidades, que não fomos capazes de apresentar uma resistência forte a estes abusos. Às vezes, feridas dos processos eleitorais internos falaram mais alto. Às vezes, foi só covardia mesmo. De maneira geral, a solidariedade entre as instituições falhou, como se cada agressão dissesse respeito apenas à atingida.

É responsável o Supremo Tribunal Federal (STF), que – Gilmar Mendes à frente – preferiu entregar as Universidades como moeda de troca, num dos momentos em que buscava uma “acomodação”, ao arrepio da Constituição, da democracia e dos direitos, com o bolsonarismo.

Os interventores não são simplesmente pessoas com visão reacionária. Eles se dispuseram a participar de um processo deliberado de destruição de suas Universidades, transformadas em espaços conflagrados, atravessados por perseguições, o oposto daquilo que é necessário para o ensino, a aprendizagem e a pesquisa.

Imagino que boa parte de seus cúmplices, aqueles que aceitaram cargos e posições de poder, foram movidos não por convicção, mas por simples oportunismo. Logo, logo, se os ventos mudarem como espero que mudem, estarão se “reinventando” e aparecendo como democratas, até como progressistas. Convém lembrar de seus nomes.

***Luis Felipe Miguel** é professor do Instituto de Ciência Política da UnB. Autor, entre outros livros, de *O colapso da democracia no Brasil* (Expressão Popular).

Publicado originalmente na página do Facebook do autor.